

O senhor é escritor, tem, como disse há pouco, obrigação de conhecer as palavras, portanto sabe que os adjetivos não nos servem de nada, se uma pessoa mata outra, por exemplo, seria melhor enunciá-lo assim, simplesmente, e confiar que o horror do ato, só por si fosse tão chocante que nos dispensasse de dizer que foi horrível, Quer dizer que temos palavras a mais, Quero dizer que temos sentimentos a menos, Ou, temo-los, mas deixamos de usar as palavras que expressam, e portanto perdemos-los, (...) Um escritor é como outra pessoa qualquer, não pode saber nem pode viver tudo, tem de perguntar e imaginar, Um dia talvez lhe conte como foi aquilo, poderá depois escrever um livro, Estou a escrevê-lo, Como, se está cego, Os cegos também podem escrever.(Saramago, 2001, p. 277)

1 APRESENTAÇÃO

Esta não é a primeira palavra E, tampouco, será a última...

É possível que ao ler o título desse trabalho venha à mente um sentimento de enfado e até de descrédito: mais pesquisa sobre alfabetização... Tanto já foi dito, discutido, proposto... Será que há algo a falar de que ainda não se saiba? Os termos alfabetizar e alfabetização, inclusive, não vêm sendo questionados por sua suposta limitação semântica? O mais adequado, para os dias de hoje, não seria letrar, letramento? Entretanto, quando falo em aquisição da língua escrita, falo, sim, de um processo de alfabetização, que consiste na formação de um ser-leitor e um ser-produtor de textos levando em consideração seus aspectos mais amplos na vida íntima e social e suas dimensões estético-polifônico-dialógica. Não consigo ver a alfabetização voltada apenas para a apreensão mecânica de um código, desvinculada de um uso efetivo e integral para a formação da consciência e a produção de sentidos. Creio não ser suficiente e nem necessário substituir o termo alfabetizar por qualquer outro para que ressoe a plenitude de sua significação e para que o processo de aquisição da língua escrita alcance o *status* que sempre deveria ter, independente de tempo, espaço e demandas sócio-econômicas. Mas que plenitude é essa, o que significa alfabetizar considerando as dimensões estético-polifônico-dialógica em sujeitos leitores e produtores de textos desde as séries iniciais do ensino fundamental? É disso que trata esse estudo, sem a menor pretensão de ser a primeira palavra no assunto e, tampouco, a última. Coerente com a concepção de linguagem que nos orienta a reflexão, estou ciente do seu caráter de incompletude e não pretendo fugir ao inacabamento, inerente a qualquer construção, no texto que vem a se desenhar.

Desde o início, mesmo antes ou paralelamente à apropriação dos mecanismos de apreensão do código escrito, a criança pode se constituir, pode se formar como sujeito no processo. Enquanto aprende sobre a mecânica da leitura e da escrita, vai lendo e escrevendo significativa e esteticamente. Para isso, para que a criança se faça sujeito nessa aprendizagem, é necessário que ocupe o espaço de

protagonista nas ações, que se depare com as diferenças no debate de idéias, que tenha possibilidade de estabelecer diversas interações com as vozes presentes e com aquelas que deixaram suas marcas ao longo do tempo. É fundamental que a voz dessa criança se torne mais uma no emaranhado de tantas outras e seja respeitada e garantida como legítima, mesmo quando expressa num jogo de representações simbólicas, apreendendo o real de forma muito peculiar. Aqui, imaginação e realidade apresentam fronteiras tênues. A brincadeira, o jogo simbólico e a literatura são espaços privilegiados para incursões desconcertantes no cotidiano, e este só vale a pena ser vivido se constantemente avaliado e recriado. A ficção e o *faz de conta* se prestam a isso, permitem olhar o mundo fora de foco, fora do padrão de normalidade estereotipado e, assim, descobrir novas formas para vivê-lo.

Falar de alfabetização é falar de vida, de conhecimento, de linguagem. A linguagem é fundamental para penetrar em qualquer área do conhecimento, que se elabora nela e por meio dela. A matemática, a química, a física e a biologia não são feitas apenas de números e fórmulas, precisam da linguagem verbal para se organizar e se estabelecer como ciência. Neste contexto, a literatura, também forma importante de produção de conhecimento, alcança um grau extremo de elaboração verbal, pois esse é o seu material e, ao mesmo tempo, seu estímulo para superar os próprios limites e ir além do que a linearidade lingüística pode oferecer. Por isso, linguagem e literatura são transdisciplinares, atravessam as demais áreas permitindo romper com qualquer configuração rígida, permitindo ousar, transgredir, produzir o novo.

Em *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, Ítalo Calvino manifesta sua preocupação com o que denomina de crise da linguagem na era moderna, e apresenta a literatura e cinco de suas qualidades (leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade) como alternativas para superar essa condição. O autor evoca a experiência literária como *o tempo que flui sem outro intento que o de deixar as idéias e sentimentos se sedimentarem, libertarem-se de toda impaciência e de toda contingência efêmera* (2000, p. 45). A literatura é vista como possibilidade de resgatar a essência da linguagem – a sua capacidade de formação da consciência e da subjetividade de seres historicamente constituídos.

Ao afirmar que a linguagem é central na formação do sujeito está se referindo à formação de sua consciência numa interação que se estabelece em contato com o mundo social. Nessa relação, a linguagem é mediadora. Deixando de ser vista como um aglomerado mecânico de formas e idéias, *nos traz e nos conduz para a produção cultural, artística, simbólica de um sujeito histórico criador de sentidos* (Kramer, 1993, p. 92).

Muitas questões sobre o tema foram lançadas ao longo do século passado e, principalmente, a partir da década de oitenta. Mas, diante disso, que avanços concretos foram alcançados? Ainda hoje não é possível afirmar que o objetivo primeiro das aulas de língua portuguesa tenha sido atingido. Dados oficiais revelam que grande parte da população brasileira não consegue dominar o pleno uso da língua escrita. É por isso que, apesar do grande número de estudos sobre alfabetização, outros mais ainda se fazem urgentes. Creio que discutindo, pesquisando problemas e possibilidades de superação, divulgando resultados, compartilhando práticas, conseguiremos iluminar um pouco mais o caminho na busca de alternativas. Quanto maior o problema, maior também a necessidade de exploração dos seus elementos; essa pesquisa é mais uma forma de agir nessa direção.

Além de vários estudos acadêmicos, é possível identificar ações governamentais e não-governamentais (constantemente veiculadas pela mídia) direcionadas para formação de professores, distribuição de material didático e acesso à escola às populações excluídas. Não pretendo discutir a eficácia nem a qualidade dessas ações e, tampouco, seus desdobramentos particulares, esse não seria um objetivo a ser contemplado neste estudo, mas, nesse quadro, uma pergunta merece destaque: que concepção de ensino e de linguagem está sendo considerada nessas ações e, até mesmo, nos estudos acadêmicos voltados para a alfabetização? E qual seria o compromisso político que norteia seus interesses? Se torna suficiente propiciar competência técnica ao professor, assegurar escola e material didático às populações em geral, sem haver clara e definida uma concepção de ensino que atenda às reais necessidades de cidadania, que não anule sua dimensão subjetiva, criativa e humana?

Ao longo do texto, abordaremos estes tópicos trazendo, como diretriz, o diálogo realizado entre as realidades das salas de aula e as discussões teóricas que visam a iluminar a questão. No primeiro capítulo, trago um pouco da minha trajetória de aluna e professora, já marcada pelas preocupações com a linguagem e seus usos escolares, como forma de explicar o amor e o interesse pelo tema (interesse que só existe em função do amor). Paralelamente, traço os caminhos escolhidos para realizar a pesquisa e os parâmetros que fundamentaram essa escolha.

No segundo capítulo, busco discutir as concepções teóricas que iluminaram a reflexão, alargando as perspectivas de análise na incursão no campo. Este capítulo divide-se em dois momentos complementares, trazendo o conceito alteritário de linguagem defendido por Mikhail Bakhtin, que, por sua vez lança as bases para compreender a especificidade da linguagem literária e suas formas de articulação na sociedade moderna, situando-a na esfera da arte, dentro de uma perspectiva da teoria crítica da cultura nas idéias de Walter Benjamin.

O terceiro capítulo faz uma tessitura entre as vozes da pesquisadora, das professoras que a acolheram, das crianças das turmas observadas e dos teóricos e demais pesquisadores que colaboraram e ainda colaboram com a questão em foco. Nessa tessitura polifônica foi necessário selecionar o vasto material coletado, fazer alguns recortes e estabelecer três eixos de análise: a interdiscursividade nas ações de produção de conhecimento, o compromisso político explícito e oculto nas salas de aula das escolas públicas, a valorização da dimensão estético-literária em situações de aquisição da língua. Finalizando, lanço algumas questões, trago dúvidas e perplexidades diante do que foi apontado ao longo do texto.

Além disso, não poderia perder de vista que este é um estudo sobre a linguagem e sobre a arte literária. Não haveria como deixar de lado a voz daqueles que fazem dessa matéria a sua marca no mundo. Como alijar a poesia, a palavra transposta para uma elaboração estética, num trabalho que versa sobre esses elementos? Assim, sem querer explicá-la, fundamentá-la, teorizá-la (por que

não precisa disso, seu significado está no seu próprio existir), trago a prosa de José Saramago, em *Ensaio sobre a Cegueira*, iniciando cada capítulo do texto. Elegi Saramago, e mais especificamente esta obra, por falar de seres que não se viam e nem viviam mais como seres: estavam cegos porque mortos ou, talvez, mortos porque cegos, se é que há diferença. Seres habituados à solidão, que experienciavam a atrofia dos sentidos, a incapacidade de enxergar, paradoxalmente, num mundo repleto de apelos visuais. São seres impossibilitados de usufruir os avanços da modernidade por terem sido acometidos de uma cegueira coletiva. De tanto se enxergar não se vê mais nada. Em tudo a obra se relaciona com a discussão aqui presente. Não estaríamos vivendo, justamente, uma espécie de cegueira, mudez, surdez... coletiva na vida frenética e impensada em nossos trabalhos, em nossas escolas, com nossas crianças, com a nossa linguagem...?